



## O CONCEITO ONTOLÓGICO FENOMENOLÓGICO DA INFORMAÇÃO: UMA INTRODUÇÃO TEÓRICA

*Marcos Luiz Mucheroni, Robson de Andrade Gonçalves*

**Resumo:** O conceito de informação é tomado em sua peculiaridade ao ponto em que definições não convergem em um consenso. Os conjuntos dos conceitos e fatores contingentes que tornaram aportes sobre a informação e, sobretudo, o ato de informar-se diz respeito à historicidade do conceito de informação e, em especial, da existência da Ciência da Informação enquanto disciplina especializada. A crítica de Lukács e Adorno perante a ontologia clássica, que separa sujeito e objeto, incidem diretamente na discussão da informação que em suas interpretações pelas ciências abandona o seu papel essencial de fundo que premedita a ação de cada ser e faz no seu ato de informar algo no qual é impressa sua visão de mundo. Assim este trabalho explora o retorno ontológico do conceito de informação a partir da filosofia de Heidegger no seu aspecto fenomenológico e de crítica ao esquecimento do ser, numa urgente mudança de visão de mundo que a incorpora condicionada a cultura, a temporalidade e a peculiaridade de cada indivíduo pensado como ser, além das objetivações científicas e métodos aplicáveis.

**Palavras-chave:** Epistemologia. Ontologia da Informação. Informação Ontológica-Fenomenológica. Ciência da Informação.

**Abstract:** *The concept of information is taken in its uniqueness to the point that definitions do not converge on a consensus. The sets of concepts and contingent factors that have made contributions over the information and, above all, the act of informing concerns the historicity of the concept of information and in particular, the existence of Information Science as a discipline expert. The criticism of Lukacs and Adorno in the face of classical ontology that separates subject and object falls directly in the discussion of the information in their interpretations by science that abandons its essential role that premeditates background of every action and makes the act of informing its something in the which is printed their worldview. Thus this paper explores the return of the ontological concept of information from the philosophy of Heidegger in his appearance and phenomenological critique of the forgetfulness of being, in urgent change of worldview that incorporates the conditioned culture, temporality and the peculiarity of each be thought of as individuals, beyond the scientific quantification and applicable methods.*

**Keywords:** Information Ontology. Ontological-Phenomenological Information. Epistemology.

### 1 INTRODUÇÃO

Informação é antes uma questão. A Ciência da Informação (C. I.) tem como objeto de estudo a Informação, um conceito complexo que não satisfaz a compreensão com definições. A multiplicidade de definições e a divergência entre tais relatam um quadro de inconsistência epistemológica na área nos fazendo questionar a relação entre informação e ciência, sociedade, cultura, ética, etc. O caminho da definição mostra-se insuficiente e a análise crítica das ciências, da historicidade do conceito de



informação, assim como a *crisis* da visão de mundo atual faz-se urgente.

Entre o nascimento dos estudos em informação científica e o pensamento de Otlet há uma clara divergência. Otlet tinha em mente a visionária, porém eurocentrista ideia de acesso aos documentos e a importância do estudo destes. O contexto histórico é díspare. Na *Royal Empire Society Scientific Conference* a intenção era de entender a informação e sua importância nas comunidades científicas criando linhas de pesquisa e impulsionando a discussão da informação científica para o uso político desta. Quanto mais se estuda e compreende a informação, mais se manipula a tecnologia a favor daquele que detém o poder monetário e de investimentos, esta é a lógica militar. A C.I. nasceu em uma gama de interesses, regiões, culturas e ideologias<sup>41</sup> diferentes; sendo que as interpretações e textos que discorrem a “História da Ciência da Informação” divergem quanto ao seu começo. Uns relatam a gênese na biblioteconomia/documentação (com Otlet), confundindo documentação com informação (eis a visão materialista<sup>42</sup>) (LE COADIC, 2004), outros remetem ao início da C.I. com as conferências citadas acima, dos EUA e Europa (SARACEVIC, 1996), porém, o conceito de informação é pertinente tanto quanto a documentação e biblioteconomia e tanto a C.I. como uma ciência autônoma, independentemente de questionamentos quanto a quem detém o nascimento da ciência. É sabido que esse nascimento é crítico e mantém-se em uma crise de mutagênese, pois aderiu a si um conceito peculiar, ou não passível de definição, a informação.

Nesta crítica colocamos em cheque a razão de existência de uma ciência social que deveria pensar realmente a sociedade, no idealismo (para alguns, infelizmente ingênuo) de que a ciência existe para o progresso humano e para o bem-estar comum, como também, a condição histórica do afastamento ontológico das ciências e o conceito de informação nesse contexto histórico e crítico. Questões surgem, como: o bem-estar de quem é a meta das ciências? Realmente quer-se democratizar a informação para todos? Todos os governos desejam investir em pesquisas que expandam a capacidade de conhecer, de criticar e conseqüentemente, de transformar? É importante que não nos esqueçamos destas questões, para que a crítica vá além da simples análise de teorias e paradigmas e fundamente-se no ser.

Quanto mais simplificadas, mais comprimidas estiverem as teorias sobre informação, mais distante estaremos de vislumbrar as possibilidades de compreender, a partir de outras lentes, como conhecemos o mundo, de que modo podemos apontar os interesses escusos de pequenos grupos, de fomentar a crítica e de valorar o que nos afirma como ser, o Outro. As tecnologias nos permitem visualizar, sentir o mundo de múltiplas maneiras, são ferramentas na sua materialidade, sendo que em essência são um saber. Aqueles que manipulam as ferramentas constroem e modificam-nas, sustentam-se na sociedade que tem poder de consumo. Consumir deriva de consumir, destruir. O que se usa se

41 Ideologia – uma questão de contexto discursivo, de relação de poder, sendo direcionada à promoção ou legitimação de uma ideia correspondente a uma visão de mundo, ou crenças situadas em relações vivenciadas. (EAGLETON, 1997).

42 Materialista aqui é retratada como uma visão objetivada do conceito de informação, ou seja, informação como coisa, confundindo-se com o documento, o livro, etc. Não nos referimos ao Materialismo Histórico ou a qualquer doutrina marxista neste ponto.



descarta. A tecnologia do descartável nos leva a uma discussão mais profunda e ao questionamento do papel da ciência na sociedade. Frente a ideologias e a hierarquização do poder do Estado, situa-se mais uma ciência que é a C.I. Seu papel é importante e discutível, e como ciência evolui perante o criticismo e a proposição de outros caminhos a seguir.

Com as novas mídias, esse quadro é confrontado com novas possibilidades nunca antes vistas. A Internet e a Rede inauguraram um novo mundo do agir, da participação e da comunicação. Nunca antes na História foi possível escrever uma opinião sobre qualquer assunto e compartilhar com o mundo rapidamente. Pode-se criar um blog, comentar, interagir, ler e ser lido, sendo que o tempo nesse processo é condensado e o espaço configurado a perder as distâncias. Um brasileiro pode reivindicar no seu blog próprio, ter comentários do Japão, por exemplo, e replicar praticamente no mesmo momento. Claramente esta revolução das comunicações trouxe uma mudança no viver, e no agir da sociedade. Porém ainda se mostra como processo, está distante da sua queda e vê-se nova sua nascente. O que difere de outros processos de revolução tecnológica é que na Internet acontecem mudanças em curtos espaços de tempo. A noção cronotópica, ou seja, de tempo-espaço, foi completamente transformada, mas essa realidade não é possível para todos, não em todas as culturas. A hierarquização, o modelo emissor-receptor de comunicação (no sentido ontológico) tem sua insuficiência demonstrada na relação intersubjetiva da Rede. O centro está por toda parte, por nós de rede, que ao tornarem-se ativos, produzem em uma interação possível de modo aberto e horizontalizado.

## 2 UM PRESSUPOSTO TEÓRICO PARA O CONCEITO ONTOLÓGICO DA INFORMAÇÃO

Mário Ferreira dos Santos foi um filósofo notável, buscou uma própria forma de pensar, olhando de modo crítico as teorias classicamente estudadas da filosofia e como ele mesmo diz com uma acidez digna, “confrontando o espírito colonialista passivo de muitos brasileiros, que não crêem, não admitem e não toleram que algum de nós tenha a petulância de formular pensamentos próprios” (SANTOS, 1956, p. 16). Suas considerações sobre a Teoria do Conhecimento contribuem para um esclarecimento do pensamento grego e as raízes do pensamento ocidental sobre o conhecer. Do mesmo modo que o filósofo, este trabalho não se fecha em nenhuma categoria definidora geralmente tendenciosa e *a posteriori* das intenções do autor. É acima de tudo um fazer crítico concatenando logicamente as ideias que melhor possam mostrar o quanto é profunda a fenda epistemológica da Ciência da Informação e o quanto são peculiares o conceito que esta toma de objeto. Para assim, acharmos outras fendas, ou modificarmos o nosso pensar sobre as fendas atuais. O criticismo neste trabalho está em primeira vista muito além de alguma intenção de seguir doutrinariamente categorizações e posições filosóficas quaisquer.

A questão do conceito de informação e seu problema epistemológico movimentam as



publicações científicas sobre metateorias<sup>43</sup>. Este é um sinal do estágio de construção epistemológica da C.I. Se nos referimos à construção, isto quer dizer que há uma meta, uma teleologia. Especulações sobre uma C.I. com uma epistemologia única, concreta e produtiva são meros vãos ideais, como no exemplo do trabalho de Schrader (1983), que identificou mais de 700 definições no contexto da C.I. Há um claro esforço na construção de uma epistemologia da C.I., porém as divergências ainda apontam para maiores e contínuos conflitos. A posição de Brookes (1991) mostra a necessidade de uma unificação teórica, em que esta ciência tenha sua própria visão dos casos humanos e desenvolva seus próprios princípios e técnicas. Mas como é possível desenvolver tal ambição se a ciência tem um problema congênito em sua epistemologia e recorre a conceitos de outras ciências? Como podemos pensar informação sem uma relação com o conhecimento, comunicação, política, direitos, ética? Sua junção com outros correlatos de outras áreas é inevitável. Talvez o que se pode dizer de lúcido em Brookes é a construção de uma nova visão de mundo, uma concepção própria da C.I., para que então esta consiga delinear-se, tornar-se clara a si, porém sempre remetendo ao meio e à rede emaranhada de relações científicas. Não há possibilidade para se pensar numa ciência estanque, mas sim numa ciência comunicativa e permeadora, ou seja, uma ciência do conflito de ideias *per se*.

Uma maior atenção ao aspecto semântico da informação causou uma reconsideração na teoria de Shannon, emergindo o Paradigma Cognitivo da Informação que considera o significado e não somente o sinal. Significado está intrínseco à linguagem e esta, por sua vez, ao indivíduo em sociedade. A C.I. afirma-se uma ciência social de fato, porém de que modo são entendidos, linguagem, significado e indivíduo social? Resquícios do behaviorismo, do positivismo, mais recentemente do logicismo neopositivista e do reducionismo cartesiano ainda perduram nas teorias da C.I., tal como visto em Bates (2005), sobre o leitor ser informado no ato da leitura, e então *se faz* conhecimento neste ato, além de segregar informação em duas concepções distintas, 1 e 2. Uma materialista: “O padrão de organização da matéria e energia”<sup>44</sup>. E outra complementar e semântica: “Algum padrão de organização de matéria e energia cujo sentido é definido a partir de um dado ser vivo”<sup>45</sup> (BATES, 2005). São definições e, a partir destas, Bates constrói sua linha de pensamento sob a visão de mundo reducionista e mesmo declara, “Neste ensaio, o objetivo foi o de fornecer *uma definição* que seja útil no sentido físico, biológico e social do termo”<sup>46</sup> (BATES, 2005, p. 26, grifo nosso). A busca pela definição é clara, como sublinhamos, sendo que as definições são demasiadamente gerais, a partir do ponto de vista de diversas áreas, que não necessariamente convergem quanto ao significado do termo informação.

43 Metateoria é a discussão teórica frente a teorias e paradigmas de uma ciência, uma discussão sobre as teorias predominantes em uma ciência, pelo viés ontológico, axiológico, epistemológico, teleológico e ideológico (TALJA, 2005).

44 Tradução nossa de: “*The pattern of organization of matter and Energy*”

45 Tradução nossa: “*Some pattern of organization of matter and energy given meaning by a living being*”

46 Tradução nossa de: “In this essay, the objective has been to provide *a definition* that is usable for the physical, biological and social meaning of the term”



As estruturas são construídas na complexidade das relações sociais, em um tempo, sob a visão de mundo predominante e não somente na simples ação humana da subjetividade pura ou mesmo em face do dado, como objeto, numa suposta objetividade pura. O criticismo aqui empregado deseja apreender o fenômeno e sua manifestação nessa complexidade de existência. Pensar a estrutura de uma ciência é pensar na visão de mundo que ela fora construída e de que modo (a partir das considerações políticas, ideológicas, sociais e particularidades) ela se molda no tempo, e como pode encontrar caminhos para um melhor esclarecimento da sua epistemologia. A compreensão aqui de epistemologia é o caminho do conhecimento, como tecer, sempre considerando os fatores adversos que se situam na manifestação entre sujeito e objeto. Neste sentido, Santos (1956), cita o que Lavelle, filósofo francês metafísico, pensa sobre a tarefa da filosofia:

A filosofia não inventa nada. Ela é em cada um de nós a consciência do ser e da vida. Ela é esse esforço de reflexão pelo qual ensaiamos atingir, no fundo de nós mesmos, a fonte de uma existência, que parece ter-nos sido imposta [...]. Ela busca captar a realidade internamente num ato de viva participação em vez de nos dar um espetáculo do qual nós mesmos estaríamos ausentes. (LAVELLE, 1935 apud SANTOS, 1956, p.31).

Objetivar em análises esse aspecto fenomênico seria uma contradição, por isso há o trabalho crítico, ausente de determinações e condições objetivadoras, instrumentalizadoras do conceito de informação. Como Lavelle diz, a filosofia é a consciência crítica da questão presente em todos e necessária para toda ciência. Não nos referimos como também Lavelle, à filosofia como profissão, como cargo acadêmico, mas o ato de filosofar, de refletir sobre a nossa condição na sociedade e na existência, ou seja, como seres pensantes dotados de voz ativa e viva, que permite o diálogo e cria possibilidades de construir e propor novos caminhos para o vislumbramento, sendo assim, nos faz seres presentes na realidade.

À luz de novas descobertas científicas no campo da física, as teorias da complexidade, esta visão se reorganizou no pensamento neopositivista, já presente desde o Renascimento:

Não se trata mais de saber se cada momento singular da regulação linguística científica resultados práticos imediatos mas, pelo contrário, do fato de que o inteiro sistema do saber é elevado à condição de instrumento de uma manipulabilidade geral de todos os fatos relevantes [...] É evidente que a vanguarda desta concepção dirige-se, sobretudo contra a teoria e a práxis da filosofia da natureza desde o Renascimento até o século XIX (LUKÁCS, 1984, p. 9).

Lukács aborda a condição da ciência moderna na sua instrumentalidade e do afastamento ontológico das ciências neopositivistas, positivistas, behavioristas criticando não somente a prática, mas a visão de mundo tomada pelas ciências, em especial as ciências naturais, assim como, as ciências sociais e do espírito; que taxam a metafísica como ilusão, ou mero idealismo, corrompendo o conceito em seu cerne. Este afastamento ontológico nos leva diretamente às ideologias do sistema socioeconômico atual, a formatação objetivadora e meramente calculista que se acha em uma posição de instrumentalização e voltada à práxis, aos números, dados e métodos aplicáveis. Essa condição



é histórica, nasceu de acordo com Lukács, no Renascimento e perdura nos nossos dias mesmo no momento crítico científico, político e econômico de hoje, se pensarmos em uma atualização da crítica de Lukács.

Essa situação remonta à nossa discussão perante a condição epistemológica da C.I. que em suas teorias e visões de mundo encontra-se nesta condição histórica, sendo que a partir desta crítica do esquecimento do ser nas ciências, podemos ampliar a compreensão do conceito de informação e conseqüentemente propor uma mudança de visão de mundo direcionada para uma visão ontológica.

### 3. O CONCEITO DE INFORMAÇÃO ONTOLÓGICA-FENOMENOLÓGICA

Kant foi o responsável por uma revolução copernicana na filosofia, quando postulou a dependência do pensar aos sentidos, ao sujeito, porém o isolou de certo modo, recebendo críticas de ser um idealista e desconsiderar a materialidade do mundo. Não nos cabe entrar nessas discussões sobre o Idealismo ou Realismo, em ambos os pensamentos extremistas que caíram por terra nas discussões filosóficas<sup>47</sup> e se mostraram insuficientes ao tempo. A pluralidade das verdades se dá no fenômeno quando a coisa (ente) manifesta-se aos nossos sentidos (não de modo unilateral ou hierárquico), estes passíveis à pluralidade e à infinitude das interpretações, que vai além de sabermos onde se forma a realidade. Temos de primeiramente compreender a relação sujeito-objeto para então abordarmos com mais clareza o conceito ontológico-fenomenológico de informação.

A Teoria Crítica de Adorno e Max Horkheimer alertam-nos sobre a condição objetivadora do espírito na sociedade industrial, e do modo de produção capitalista infiltrado na cultura e nas artes. Em momentos turbulentos de uma Europa assolada pela mais genocídica guerra da história, o pensamento crítico seria a única saída válida para transformar a visão de mundo e aprofundar as fendas no sistema capitalista, que iria além da análise da época de Marx; vai ao cerne de questões filosóficas do ser, do homem, microcosmo, dentro de uma sociedade complexa, e se constroem como tais dialeticamente.

Nesse contexto, Adorno faz uma reflexão crítica sobre o sujeito e objeto, sobre a clássica ambigüidade e oposição entre os dois conceitos quando afirma que “A ambigüidade não pode ser eliminada simplesmente mediante uma classificação terminológica. Pois ambas as significações necessitam-se reciprocamente; mal podemos apreender uma sem a outra” (ADORNO, 1995, p. 62).

Nos caminhos permeados pela Teoria do Conhecimento na história da filosofia sempre houve o grande questionamento da natureza do sujeito e do objeto. *Ob-jeto*, aquilo que se opõe ao sujeito, que por sua vez, *pro-jeta*, é entendido como aquilo que está fora da consciência de um indivíduo, assim assinala-se a concepção clássica. Porém, Adorno atenta para a questão social não considerada nas discussões filosóficas da teoria do conhecimento. O homem é um ser social, o conceito de indivíduo não pode fechar em si mesmo. Não há indivíduo fora de uma sociedade e a alteridade é uma determinante para o conceito de homem, ser que se faz, atualiza-se no outro, na sociedade, e cria

<sup>47</sup> Cf. BERGSON, 1984.



deste modo, o movimento complexo entre sujeito e objeto, alvos da persistente ideia categorizadora e definidora da Teoria do Conhecimento. Sobre definir, Adorno nos esclarece: “Definir é o mesmo que capturar – objetividade, mediante o conceito fixado, algo objetivo, não importa o que isto seja em si. Daí a resistência de sujeito e objeto a se deixarem definir.” (ADORNO, 1995, p. 62). O mesmo se dá com o conceito de informação, um conceito peculiar, que foge a qualquer definição reducionista, pois o olhar objetivador não se identifica com este conceito, sendo que na sua etimologia já existe como conceito plural, metafísico, e requisitado para os olhos do filosofar que não se restringe totalmente à visão de mundo objetiva. O pensar filosófico faz o caminho do questionar à pluralidade conceitual de “Informação”, suas definições modificadas e reestruturadas pela história construindo uma epistemologia.

Adorno questiona a veracidade dos postulados da Teoria do Conhecimento sobre a separação sujeito-objeto, e percebe em sua manifestação os interesses ideológicos dessa cisão, principalmente em Kant, na sua revolução copernicana da filosofia, onde pôs o sujeito à frente dele mesmo, questionando sua origem como tal e a cognoscência dos objetos, eis o indivíduo vivente, indivíduo de fato. Há, para Adorno, uma íntima relação entre sujeito e objeto e nessa relação um complexo movimento ideológico, político, e interesses condicionantes que vão além de qualquer análise restrita à metafísica. A condição histórica e social do homem é o viés que deve ser abordado quando se questiona filosoficamente sujeito e objeto. Salienta essa relação indissociável, Adorno,

Nenhum dos dois existe sem o outro; o particular só existe como determinado e, nesta medida, é universal; o universal só existe como determinação do particular e, nesta medida, é particular. Ambos são e não são. Este é um dos motivos mais fortes de uma dialética não-idealista (ADORNO, 1995, p. 70).

O sujeito é objeto tanto quanto o objeto é sujeito em níveis variantes, sempre em movimento e indeterminação. Ao descentrarmos sujeito e objeto podemos refletir no seu fazer, no ato e relação; e isso nos conduz à historicidade deste fazer, suas variantes, e nos afastam da ilusão do poder absoluto da objetividade e da analítica.

Uma intenção de crítica à Ciência da Informação e uma investigação filosófica sobre o conceito de informação permeia também uma crítica do conhecimento, pois informação e conhecimento estão intrinsecamente ligados, pode-se dizer que são semelhantes, em outras palavras, distintos em concepção, porém idênticos em conceituação. Abordar um conceito informacional é tomar a consciência imediata de um conceito do conhecer. Informar e conhecer são o mesmo no seu sentido ontológico, porém ao mesmo tempo distintos como concepção. Podemos dizer que o ato de informar é um ato de conhecer, mas não podemos igualar informação e conhecimento; este último termo vai além da ação, perdura na memória, situa-se na história e na própria efetivação do ser. A partir desse pensamento crítico, atual, e emergencial construímos os argumentos da hipótese deste trabalho que sugere outro olhar perante esse conceito “que não se deixa definir”.

O afastamento ontológico creditado às ciências naturais, que resultou em uma construção de uma visão de mundo cientificista e fisicista taxa quaisquer questionamentos que vá considerar as



contingências, a historicidade e a impossibilidade de neutralidade de uma observação de devaneio metafísico. Lukács, pensador marxista tece uma crítica fundamentada na historicidade do aparecimento dessa visão de mundo quantificadora, chamada Neopositivismo:

Tanto desvaneceu o idealismo kantiano no curso do século XIX que surgiu uma corrente idealista no positivismo dirigida não apenas contra o materialismo, mas com a pretensão de criar um meio filosófico que extradita do campo do conhecimento toda visão de mundo, toda ontologia e, igualmente, cria um - pretense - terreno gnosiológico que nem materialista-objetivo e que, justamente nesta neutralidade, pode oferecer garantia de um conhecimento científico puro. Os momentos iniciais desta tendência remontam à Mach, Avenarius, Poincaré etc... (LUCÁKS, 1984, p. 6).

A distinção entre o indivíduo subjetivo e o ser social são concepções claramente behavioristas, onde todas as pesquisas sobre o homem são feitas em termos da psicologia, da biologia e da física, sempre incluída a linguagem-objeto, para Carnap: “Muitos termos podem ser definidos sobre esta base, podendo o resto ser certamente reduzido a ela” (CARNAP, 1938 apud LUCÁKS, 1984, p. 59). Este é o fundamento e a síntese do pensamento logicista ou neopositivista, um homem fora do seu contexto, seu ser reduzido à lógica e à relação instrumental da linguagem, sendo assim possível a manipulação da pretensa neutralidade científica.

A tendência à homogeneização das concepções e dos métodos aplicáveis afasta o fazer científico da visão ontológica e quando pensamos nas chamadas ciências do espírito a questão complica a sua gravidade. E ainda nesse sentido surge a questão ontológica da informação, principalmente perante a ciência e à condição histórica que esta se coloca. Frente essa questão propomos o caminho fenomenológico que considera a historicidade e as contingências, a partir do viés filosófico, no pensar da informação em concatenação com a fenomenologia heideggeriana, tomando a si o método não determinante de análise do *como*, ou seja, como se manifesta a coisa investigada, quais são suas peculiaridades existenciais, o que assim se mostra em si mesmo (DUBOIS, 2004). A lógica da ontologia e fenomenologia de Heidegger está na hermenêutica, na interpretação das sentenças e na relação do ser com a linguagem e na intencionalidade do ser. Estes tópicos são cruciais para se pensar a informação pelo âmbito do ser, por uma ótica ontológica que se presta ao fenômeno para ampliar a compreensão do *como* da informação, ou, como a informação se dá, processa como tal, no ser. O principal tradutor e estudioso da obra heideggeriana, Emmanuel Carneiro Leão, descreve numa síntese a condição da fenomenologia em Heidegger e também da sua ontologia no posfácio da edição brasileira de *Ser e Tempo*:

A necessidade de um esquematismo espacial, temporal e gestual para dizer e compreender todos os modos de ser e agir mostra à sociedade que a presença fundadora de nossa existência não se dá na órbita de consciência de um cogito sem mundo, nem na complementaridade recíproca de sujeito e objeto. Abrange, ao contrário, todas as peripécias de uma co-presença originária que se realiza através de uma história de tempos, espaços e gestos, que se desenvolve num mundo de interesses e explorações, de lutas e fracassos, de libertação e escravidão. (HEIDEGGER, 2009, p. 557).



A fenomenologia de Heidegger como método, se molda a partir da coisa mesma, isto é, não se acaba como método próprio, imóvel e infalível, tal qual o cartesiano. O fenômeno é a própria questão e o método para se pensá-lo se dá nele mesmo. O caminho a se percorrer é a própria questão, que vai se clareando à medida que se caminha. Se informação é um processo, um fenômeno e logo temos que adentrar na sua ação através do questionamento de como o *informar-se* se dá. Deste modo escapamos dos estancos metodológicos de análise positivista, e de qualquer outra universalização totalizante. Pensar informação, filosofar sobre este conceito, é uma ação informativa, que através do próprio caminho se descobrem as possibilidades de caminhar. Nessa pretensão fenomenológica podemos clarear e expandir as possibilidades de compreender o que é informar-se. Dar sentido ao ser no ato informativo, imerso e vivo no mundo, em essência, significante.

Na busca fenomenológica fomos à origem do conceito informação para então refletirmos a sua historicidade e transformação. Informação, em consenso com os dicionários consultados vem do latim, *Informatio*, *Informatione* que significa, “modelar, formar, representar idealmente [...] formar no espírito”, segundo Machado (1990); de acordo com Saraiva (1924), “Dar forma, afeiçoar, formar; formar no espírito, delinear, esboçar, instruir, educar”. Em alguns dicionários em inglês encontramos a etimologia em Scheller (1835), “uma representação, ideia, esquema, para enquadrar na mente”<sup>48</sup>; e também em Glare (1982), “esforço (em palavras), formas na mente, para formar a ideia de (algo), imaginar”<sup>49</sup>.

Dentre os verbetes é consenso a origem da palavra informação, sendo que *in* – dentro, e *formatio* – deriva de forma, dar forma a algo. É a origem da palavra que permite diversas interpretações em dependência da visão de mundo, assim como o termo fora usado pelos escolásticos (Idade Média), diferentemente depois das ideias de Descartes e mais precisamente Kant, que considerou o sujeito como cognoscente e primordial no processo do conhecer. No aspecto figurativo, todos os dicionários consultados remetem para “formar no espírito”, ou algo que *se forma no espírito*, daí a interpretação de in-formar, dar a formação no interior, imaginar, ou seja, no intelecto, ou no sujeito cognoscente. O sujeito é, portanto, um conceito chave para se compreender o conceito de informação, mas ainda mostra limitações, pois esse carrega uma definição insuficiente, abstrata e idealista de informação. É preciso pensar como o processo se dá, em que meio e de que forma.

Se há um sujeito há um objeto; se pensamos um sujeito cognoscente, pensamos numa sociedade em que esse sujeito está inserido, no contexto histórico, na sua linguagem, na sua cultura. Diversos fatores tornam a discussão mais complexa e a interpretação pode ir além. Do mesmo modo, se pensamos em forma, pensamos em matéria, no conteúdo desta forma, na apreensão das coisas, de certa forma, pensamos também sujeito e objeto, e, além disto, pensamos no processo em sua totalidade na relação entre sujeito e objeto, matéria e forma.

Quantificar a informação é criar enunciados sem um fundamento ontológico; é destituir do

48 Tradução nossa de: “a representation, idea, sketch, to frame in the mind.

49 Tradução nossa de: “Sketch (in words), to form in the mind, to form and idea of (something), imagine”.



conceito de informação sua essência, pois não é possível pensarmos o informar-se sem considerarmos o homem que pensa e seu meio. Os labirintos da mente e do fenomênico não são quantificáveis ainda. Se, por conseguinte, afirma-se que se pode manipular a informação, logo, se pode manipular alguma forma de pensamento.<sup>50</sup>

Aristóteles foi o filósofo grego que estudou a relação entre matéria e forma, também conhecida como hilemorfismo. Para o filósofo, a relação de existência entre matéria e forma constrói a realidade, assim, pensa-se o sentido de processo no movimento que existe nessa relação. Henri Bergson, filósofo francês, exemplifica o pensamento do hilemorfismo de Aristóteles,

[...] a árvore, a planta que provém da semente. A semente é a matéria, a planta, a forma. Essa forma é o objetivo, o fim que o desenvolvimento da semente persegue; [...] esse devir tem sua causa na necessidade de realizar a forma, na necessidade de tornar-se planta, de modo que é a atração da forma que causa o movimento e a forma é realmente causa motora, ao mesmo tempo em que causa final. (BERGSON, 2005, p.123).

Para Aristóteles, a forma está (em potência) nos objetos, nas coisas, no ente, pois assim é logicamente permitido haver mais de uma visão, ou compreensão dos objetos. Eles podem ter múltiplas formas. A prova está no microscópio, por exemplo, um copo contém água num recipiente no estado líquido. Quando olho com olhos microscópicos, vejo não mais a forma líquida, mas sim as moléculas de água, “vejo” a molécula de H<sub>2</sub>O, assim como se pode usar uma “lente quântica” e “ver” o *quantum*, o interior do núcleo e outro mundo físico com outras leis mecânicas. A matemática permite, através da sua linguagem, esta outra visão que experimentalmente é um sucesso.

Nossa percepção cognitiva efetiva-se em quatro dimensões (três dimensões espaciais e uma temporal), outro ser, hipotético, pode ver o mundo em 4, 5, 9 dimensões, como a física atual já pensa, nas teorias atuais. Como ele veria? E em duas dimensões? A partir da percepção, como agiria esse ser? Parece aceitável que esse ser agiria completamente diferente de nós, seres de uma percepção em quatro dimensões. A forma está em potência no objeto, pois independe de nós para essencialmente ter a forma, já que pode ser visto em diversas realidades formais, microscópica, quântica, macroscópica, mítica, etc;

A realidade está em partes no subjetivo e no objetivo, logicamente falando, é uma relação fenomênica entre ambos que dá a forma, que *in-forma*. A visão de mundo determina a forma, o informar. Temos uma limitação fisiológica, fato que a neurociência estuda, por isso sua importância, justamente para sabermos o quão longe nosso cérebro pode ir fisicamente, quantas realidades, quantas formas pode se desprender e desenvolver dos objetos e do real.

A complexidade desta realidade se dá nas contingências que a permeiam e a determinam naquilo que a ciência não atinge, apenas quantifica e abstrai. Apesar de estar além da ciência, o ato, o movimento de organização das coisas, o ser em sua afirmação de si é crucial para compreendermos a magnitude do conceito de informação. É o que chamamos de Meio Elucidativo, cuja complexidade

---

<sup>50</sup> *Reditum ad absurdum*.



é explícita na linguagem, na cultura, na diferença. É a partir da diferença do Outro (alteridade) que devemos refletir o conceito de informação e como a prática desse pensamento se dá na educação, na epistemologia da C.I., na configuração das bibliotecas, na Documentação, que neste caso especial estuda a organização dos documentos e principalmente para quem organizar. Documentos não existem sem uma ação, e esta ação é causada por um ser, com direitos e deveres, num contexto político, numa temporalidade, em uma forma de discurso, em uma cultura.

Elucidar vem de esclarecer, tornar lícido, deriva do latim *elucidativus* (BUENO, 1963). Para se tornar elucidado, o meio deve organizar-se de uma maneira em que estes fatores estejam consoantes no ato de informar-se e distinguível para aquele que está se comunicando. Na relação comunicativa, seja entre pessoas, ou numa leitura de análise a um documento, existe uma conexão cognitiva, uma atenção do indivíduo para aquilo que se estabelece comunicação. O pensamento se faz atento, intencional, atualizando-se com o outro e nesse movimento de pensamento, linguagem, cultura e individualidades existe o ato de informar.

Uma horizontalidade é possível nesse processo comunicativo e o ato de informar-se movimenta em sua temporalidade afirmada pelo potencial de informar, que se atualiza e informa. O potencial de informar torna-se ato no Meio Elucidativo, ao ponto que os objetos tomam forma no espírito, ou “*nous*”<sup>51</sup> em grego, e neste *sendo* do ser, há o processo, o movimento, portanto, ação em que se informa; a informação. Logo, as coisas têm a potencialidade de informar, assim como a semente tem em potência a árvore e seus frutos, ou seja, existe uma virtualidade. Nesse sentido podemos pensar a Internet como outra realidade, virtual e não irreal, de possibilidades técnicas, de compartilhamento de saberes e de relações humanas, assim como uma possível horizontalização dessas relações. A partir dessa hipótese, distinguimos o que é registro, ou documento, de informação. Um livro tem a potencialidade de informar, mas este ato dependerá dos fatores de linguagem, da cultura, da temporalidade, do sujeito que é informado.

Quando nos informamos, a forma se dá em nós, porém não se fecha em uma redoma em nossa consciência ou subconsciência; está em nós em ato, em nossas opiniões, na linguagem, está culturalmente vivo e formado em nós, por isso o “informar-se sob um ponto de vista”. É a forma que se dá no espírito, e este o modifica, dá movimento ao espírito, ao pensamento, e exige o questionar. É importante usar o pronome *nós*, no sentido de remeter ao mundo, quando nos referimos à informação, pois a solidão do *cogito* não é mais tomada como verdade. Há de se superar o pensamento isolado do cartesianismo e pensar o “nós”, ao invés da consciência pura. A experiência viva, ainda que mesclada com o ser e os outros entes, se dá unicamente em cada um de nós, por isso é um *ponto* de vista, ou seja, somente uma posição (dentro da interpretação de espacialidade que este conceito remete) que tem sua unidade de posicionamento e não de completude, pois um ponto se dá num espaço, e este é mais abrangente, deste modo, o ponto de vista é por si relativo. Todavia, o pensamento, fundamento desta experiência viva e do humano, é compreendido como ao mesmo tempo único em cada ser

---

<sup>51</sup> *Nous* depende do contexto filósofo, aqui é a noção qualitativa de estar ligado ao ser e o todo.



(pode-se dizer de consciência) e total para o ser (pode-se dizer a existência do Outro).

Existir é compreender, e no pensamento, em que nasce o questionar, nos fazemos ser. Informar, conhecer, fazer parte do processo do conhecer a si e ao outro (ser-no-mundo, ou o *Dasein* de Heidegger) é questionar-se, não somente como uma dúvida a ser sanada, mas o próprio informar-se no seu processo de atualização é o questionar, daí se deriva a sua essência, não presa a um sujeito, nem mesmo ao objeto, mas na relação entre o ser e o mundo, no fenômeno, na história<sup>52</sup>.

Informação é essencialmente o questionar-se. Todo ato de informar-se remete a uma questão, não se informa sem uma dúvida. É uma busca particular incutida nos mistérios da mente e do pensar, do ser, portanto. Informação é antes uma característica existencial, ontológica. Pensar a informação é debruçar-se sobre o questionar-se, tendo em vista o ôntico, o histórico, a cultura e o tempo. A essência do informar-se está em cada ente que transcende no seu ser, de modo que o conceito de ser-aí (HEIDEGGER, 2009) está além do informar-se<sup>53</sup>, é antes o fundamento deste; portanto, pensar informação é um pensar de geração, pelo espírito de um tempo. Pensa-se em educação, o educar de uma sociedade, sua história e cultura. O nosso tempo deve sempre perguntar-se da essência do saber do informar-se na sua cultura, pois a nossa busca pela essência varia, nos diferenciamos, pelo tempo. O mundo é descoberto, assim como descobrimos a nós mesmos criando identidade na diferença, dialeticamente. Informação nos remete à relação de diferença e identidade, portanto, a cultura.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: MUDANÇA DE VISÃO DE MUNDO, UM NOVO FAZER CIENTÍFICO E SOCIAL

Como visto, a complexidade de conceitos conjuntos e fatores de contingência que abordam a informação e, sobretudo, o *informar-se* se amplia ao ponto em que questionamos mais a natureza e a historicidade do conceito de informação e da existência da Ciência da Informação. Esta complexidade, na sua universalidade, é sintetizada a partir da palavra alemã *Weltanschauung* deriva de, *welt* – mundo, e *Anschauung* - visão, intuição. Geralmente traduzida por visão de mundo, ou visão da vida, e pode ser interpretada como a nossa posição no mundo e o *modus* do nosso agir (HEIDEGGER, 2007). Regularmente usada na filosofia, este termo sintetiza o ser-no-mundo, isto é, a visão de mundo premedita a ação de cada ser, é condicionada pela cultura, pela temporalidade, pelo pensamento que temos em nossa subjetividade e ao mesmo tempo, mesclada ao objetivo, ao mundo, às relações que mantemos em sociedade e a cultura como determinante na formação de cada um. A visão de mundo da ciência atual encontra-se em uma crise, como dito, juntamente com o conflito de outras visões emergentes. Esta mudança de visão gera o conflito, e afirma o diálogo. O que propomos é uma substancial mudança de visão de mundo, para então pensarmos como o agir há de se modificar, tal qual Heidegger, que relê a famosa frase de Marx, “[...] a transformação do mundo, [...] exige, antes, que o pensamento se transforme, assim como já se oculta uma modificação do pensamento atrás da

52 Deve-se entender história dentro da historicidade experimentável do ser.

53 Questionamento: ou podemos considerar que o informar-se vai além, tal qual o ser-aí? Ter uma dúvida sanada, satisfazer a necessidade do saber é existir?



aludida exigência.” (HEIDEGGER, 1983, p. 236).

Heidegger refere-se à provocação de Marx na *Ideologia Alemã* de 1846, onde este último critica os filósofos de somente interpretar as maneiras do mundo, sendo que o importante é transformá-lo. A transformação só é possível com uma mudança de visão de mundo, uma mudança essencial, ou seja, profunda e cultural. A C.I. está neste momento de mudança, sob um capitalismo senil, no avanço tecnológico da Internet e na reestruturação das formas e possibilidades de comunicação e de conhecimento. A tecnologia é um fenômeno cultural e a Internet nos mostra como essa cultura age, se atualiza, se transforma e se movimenta na sociedade. Informação permeia a tecnologia (*technè*), a cultura, a sociedade, a ética, a educação e o saber principalmente. O questionamento, a visão crítica, a ética do diálogo e do convívio com o diferente devem ser levadas em consideração não somente nas teorias de uma ciência, mas na sua construção epistemológica, na ação e educação de seus cientistas e profissionais.

É necessário construir uma prática profissional a partir de um ensino e pesquisa que não consideram primordialmente aquele que detém o conhecimento, ou a informação; aquele que a controla, mas aquele que pode alcançá-la a partir da própria reflexão, da busca conjunta, da consideração do outro. O pesquisador da informação irá relatar e estudar os problemas sociais sobre a informação, o acesso, a democratização, o uso de novas tecnologias, pesquisas com novas mídias direcionadas para o serviço público, a educação; assim como para o profissional do mercado de trabalho que encontra uma possibilidade de pensar o contexto político e prático em que o mercado se situa e nos atinge diretamente. No método de ensino, o professor que supostamente detém o conhecimento e articula todas as informações em si, cai por terra. Há um diálogo entre professor e aquele que quer aprender, e não mais o aluno; *a-luminum*, o sem luz. Analogicamente tal como o *usuário* da biblioteca, ou de uma base de dados, é antes um *ser*, um indivíduo.

O informar é um processo que depende do outro, daquele que objetiva o sujeito e também pode ser sujeito, ou além, é uma ação derivada de um sujeito. Dar forma ao espírito é o conceito primário de informação que ao ser retomado, nos apresenta uma nova forma de se desvelar o conceito de informação, ao ponto de reestruturarmos a nossa visão de mundo como uma possibilidade de transformação. O transformar está fadado à historicidade do ser, tais quais as ideias deste trabalho, que enfrenta a realidade da ciência no Brasil, do sistema político atual e da crise do sistema socioeconômico capitalista. As ideias são sementes, podem vir a ser, e fadadas à latência, podem ser germinadas sob o ditar da temporalidade e das contingências.

Informar-se é um *vir a ser* da transformação. E transformar necessita da crise, da crítica, do questionar, o que nos faz humanos e nos afirma o ser-no-mundo. Esta é a mudança de Visão de Mundo, que nos permite explorar outras maneiras de vivência e novas possibilidades de existir mais próximos de um conceito de humanidade, e não fadados ao esquecimento do ser, ou um distanciamento dissimulado do que somos de fato. A busca é incessante e este trabalho representa esta necessidade do questionar e do conflito crítico, que até então, se mostra como a mais lúcida maneira de atingir o transformar.



## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. Sobre sujeito e objeto. In: \_\_\_\_\_. **Palavras e sinais: modelos críticos**. Tradução Maria Helena Ruschel. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 62-75.
- ARISTÓTELES. Física I-II. Prefácio, tradução, introdução e comentários: Lucas Angioni. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Metafísica: livros I e II**. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores, v. 4).
- BARRETO, Aldo de Albuquerque. Uma quase história da Ciência da Informação. In: TOUTAIN, Lidia Maria Batista Brandão (Org.). **Para entender a Ciência da Informação**. Salvador: EDUFBA, 2008. v. 1, p. 13-34.
- BATES, Marcia J. Information and knowledge: an evolutionary framework for information science. **Information research**, v. 10, n. 4, paper 239, 2005.
- BERGSON, Henri. **O cérebro e o pensamento: uma ilusão filosófica**. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Os Pensadores).
- \_\_\_\_\_. **Cursos sobre filosofia grega**. Tradução: Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Coleção Tópicos).
- BROOKES, Bertram C. The foundations of information science. Part I. Philosophical aspects. **Journal of the American Society of Information Science**, v. 42, n.5, p. 351-360, 1991.
- BUENO, Francisco da Silveira. **Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1963. 8 v.
- BUSH, Vannevar. As we may think. **The Atlantic Monthly**, July 1945. Disponível em: < <http://www.theatlantic.com/magazine/archive/1969/12/as-we-may-think/3881/> >. Acesso em: 24 abr. 2011.
- DÍAZ NAFRÍA, J. **What is Information? A multidimensional concern**. **TripleC - Cognition, Communication, Co-operation**, North America, v. 817, n. 6, 2010. Disponível em: < <http://www.triple-c.at/index.php/tripleC/article/view/76/168> >. Acesso em: 24 abr. 2011.
- DUBOIS, Christian. **Heidegger: introdução a uma leitura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- EAGLETON, Terry. **Ideologia: uma introdução**. São Paulo: Boitempo; UNESP, 1997.
- GLARE, P.G.W. (Ed.). **Oxford latin dictionary**. Oxford: Clarendon Press, 1982.
- GONZÁLES DE GÓMEZ, Maria Nélide. Para uma reflexão epistemológica acerca da Ciência da Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 5-18, 2001.
- HEIDEGGER, Martin. **Conferências e escritos filosóficos**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Pensadores).
- \_\_\_\_\_. A questão da técnica. Tradução de Marco Aurélio Werle. **Revista Scientiae Studia**, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-398, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Ser e Tempo**. 4. ed. Tradução revisada e apresentação de Marcia Sá Cavalcante Schuback; posfácio de Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes, 2009.
- KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. 4. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1991. (Os Pensadores).
- LE COADIC, Yves-François. **A Ciência da Informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.



LUKÁCS, Gyorg. **Ontologia do ser social**: neopositivismo. Tradução de Mario Duayer (UFF), da edição alemã *Zur Ontologie des gesellschaftlichen Seins*, Primeira Parte, Cap. I-1, Neopositivismus. Darmstadt: Luchterland, 1984.

MACHADO, José Pedro. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 6 ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1990. 5v.

SANTOS, Mário Ferreira. **Teoria do Conhecimento**: (Gnoseologia e Criteriologia). 2. ed. São Paulo: Logos, 1956.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, 1996.

SARAIVA, F. R. dos Santos. **Novíssimo dicionário latino-portuguez**: etymologico, prosódico, geographico, mythologico, biographico, etc. 2. ed. Rio de Janeiro: B.L. Garnier, 1924.

SHELLER, I. J. G. **Lexicon totius latinitatis**: a dictionary of the latin language. Revised and translated into English by J. E. Riddle, M.A. Oxford: University Press, 1835.

SCHRADER, Alvim M. **Toward a theory of library and information science**. Bloomington, IN: UMI Dissertation Information Service, Indiana University, 1983.

TALJA, Sanna, TUOMINEN, Kimmo; SAVOLAINEN, Reijo. 'Isms' in information science: constructivism, collectivism and constructionism. **Journal of Documentation**, v. 61, n. 1, p. 79-101, 2005.

TENÓRIO, Robinson Moreira. **Cérebro e computadores**: complementaridade analógico-digital na informática e na educação. São Paulo: Escrituras, 2003.